

TRANSFORMAÇÃO CAPITALISTA: RELEVÂNCIA E LIMITES DO MARXISMO

JAMES PETRAS*

Tradução: João Roberto Martins Filho

Introdução

O colapso do coletivismo burocrático significa a definitiva reabilitação do marxismo como teoria e prática política. De mais a mais, a prolongada estagnação do capitalismo em escala mundial atingiu níveis historicamente sem precedentes(1), o que corrobora a crítica marxista do capitalismo. Mas os problemas que, hoje e no futuro próximo, se colocam aos marxistas não são pouco intimidantes.

Inicialmente, discutiremos a chamada "crise do Marxismo" como uma *crise dos intelectuais* - um "colapso de energia". Diante das poderosas pressões originárias dos centros capitalistas, a "crise do marxismo" é enfocada como uma realidade *subjetiva* visível nos erros de avaliação e na sensação de impotência da ex-intelectualidade marxista. Ao discutir e analisar a "subjetividade" da crise, estaremos limpando o terreno para abrir o debate sobre a relevância objetiva do marxismo na análise não apenas da falência do coletivismo burocrático, como da dinâmica estrutural do capitalismo contemporâneo. Passaremos, então, ao exame da relevância do marxismo para a compreensão do desaparecimento do stalinismo. A esse respeito, é importante salientar que, enquanto os autores burgueses inicialmente descreveram o comunismo como algo à beira do colapso iminente, para depois apresentá-lo como um "monolito totalitarista" incapaz de evolução interna, os marxistas enfocaram a natureza contraditória do regime comunista (tensões entre origens operárias e dominação burocrática, tensões entre produção socializada e controle e apropriação burocráticos do excedente) e de suas pretensões ideológicas (bem coletivo *versus* elites privilegiadas). Enfim, voltaremos nossa atenção para a relevância do marxismo para a compreensão da dinâmica estrutural profunda do capitalis-

* Professor da State University of New York - Binghamton

1. A estagnação, ou o declínio absoluto, afetou todos os continentes e os principais países capitalistas por quase uma década, ao passo que graves depressões foram a regra nos ex-países comunistas, na América Latina e na África.

mo contemporâneo - de maneira a destacar o modo como o quadro analítico marxista é superior a quaisquer de seus concorrentes liberais, neoclássicos ou pós-modernos. Isso, por sua vez, permitirá levantar os desafios e problemas reais que desafiam o marxismo, se este pretende se tornar politicamente relevante no mundo contemporâneo.

Crise dos intelectuais

A "crise do marxismo", na forma como é hoje discutida, configura uma "crise de energia intelectual" - a capitulação dos antigos esquerdistas diante da presença aparentemente avassaladora e dos triunfos político-militares do capitalismo no mundo contemporâneo. Os ex-esquerdistas estão traumatizados por sua visão negativa. O mercado mundial está por toda parte, as regras dos bancos internacionais são solidamente impostas, a classe trabalhadora industrial entra em declínio ou bate em retirada, as Nações Unidas tornaram-se uma polícia global americano-européia. Confrontados com essa visão apocalíptica, os ex-esquerdistas decidem que o melhor é atuar *a partir do mercado*(2). *manejar* as regras dos bancos *nas margens*, concentrar seu foco nas atividades locais ("sociedade civil"), fazer da necessidade uma virtude, aderindo ao coro que condena a intervenção estatal e a luta pelo poder de Estado, abraçar identidades culturais estreitas como foco da atividade militante, nos interstícios deixados pelos poderes capitalistas dominantes..., numa palavra, aderir ao "possibilismo" - a esperança de que, ao pintar a máscara no Moloch, a ganância será domada em um pacto social do capitalismo humanista.

O "colapso de energia" tem suas raízes no fracasso da esquerda em resistir às pressões ideológicas dos meios de comunicação de massa e dos estados ocidentais (bem como de seus intelectuais de plantão) no sentido de amalgamar marxismo e regimes coletivistas burocráticos.

Existe a *percepção* por parte de muitos, particularmente na esquerda, de que o colapso dos regimes coletivistas burocráticos reflete a "falência" do marxismo. Na medida em que tal visão permeou os movimentos sociais e políticos em escala mundial, ela enfraqueceu severamente *toda* a esquerda, inclusive aqueles que têm uma compreensão diversa. Na medida em que essa percepção levou a defecções em direção à política liberal e a movimentos reformistas setoriais, ela restringiu a arena do debate público, fechou o acesso à mídia e promoveu desmoralização e desorientação nos movimentos populares.

2. Jorge Castañeda. *A utopia desarmada*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Em segundo lugar, na medida em que parcelas substanciais da esquerda - incluindo setores não-comunistas - dependiam do apoio material dos regimes comunistas, o desaparecimento destes solapou a disposição e a capacidade da esquerda de funcionar fora dos parâmetros do capitalismo mundial.

Em terceiro lugar, a classe política no Ocidente e os ex-líderes stalinistas no Leste monopolizaram os meios de comunicação de massa e o debate público sobre o significado do colapso do stalinismo, amalgamando ideologia estatal comunista e marxismo. Na medida em que foram bem-sucedidos em convencer o populacho e os intelectuais da verdade de sua equação (colapso do stalinismo = fim do marxismo), as tarefas de clarificar e distinguir marxismo e stalinismo tomou-se infinitamente mais difícil.

Pelas razões acima, ao contrário do que acreditam muitos marxistas antistalinistas, a falência do comunismo soviético não limpou o terreno para a avaliação racional da teoria e da prática marxistas, nem facilitou a expansão de movimentos marxistas autônomos (sem o albatroz do stalinismo). Como consequência, no debate ideológico e teórico público, entre muitos acadêmicos e ativistas políticos, o marxismo é visto como uma ideologia cujo tempo passou.

Críticas pós-marxistas

Para alguns autores, o desaparecimento do stalinismo significou a ascensão em escala global da liberal-democracia - o "fim da história". Nessa perspectiva, as revoluções comunistas constituíram um desvio na marcha da história rumo ao capitalismo liberal-democrático. Para outros, elas funcionaram como mão oculta por trás de revoluções burguesas, removendo da sociedade o entulho pré-capitalista e preparando o terreno para um estágio novo e mais vital do desenvolvimento capitalista.

A tese do "fim da história", com sua visão teleológica, fracassa em ver o capitalismo liberal como um sistema social historicamente específico com morfologia própria, nascimento, maturação, declínio e transformação. Os colapsos periódicos das sociedades capitalistas, suas violentas intromissões em estados mais fracos, sua perene expansão, com a subordinação de economias vulneráveis, seu desvio de recursos e pauperização de sociedades nacionais em nome da liderança global foram acompanhados por guerras destrutivas e perdulárias, que por seu turno se transformaram, às vezes, em revoluções anticapitalistas, algumas das quais foram depois revertidas. Em suma, não há base histórica para defender o "progresso linear" rumo ao "livre mercado" e à "democracia liberal". O capitalismo - seja liberal-democrata ou autoritário, centrado no Estado ou dirigido para o mercado - evoluiu em resposta à tensão entre forças opostas internas e externas: os conflitos internos entre capital e trabalho e os externos entre os capitais concorrentes. Revoluções e contra-revoluções periódicas refletem os conflitos internos; guerras comerciais de escala mundial e regional, os conflitos externos.

Em segundo lugar, o declínio do comunismo não foi realizado por uma classe social capitalista, nem tampouco emergiram daí uma sociedade e economia capitalistas democráticas. A derrubada do comunismo foi basicamente o produto de uma elite burocrática imbuída de uma ideologia capitalista, mas sem laços históricos com o capitalismo, seu desenvolvimento e seus mercados. A coisa mais próxima de uma classe capitalista nativa eram as redes ilícitas de contrabando, operando nos interstícios do sistema de planejamento estatal. A consequência da restauração capitalista por uma classe não-capitalista foi o enxerto de políticas- e de práticas numa sociedade carente das agências sociais aptas a implementá-las. Em vez de uma classe capitalista doméstica o que emergiu foi, por um lado, um grupo de intermediários do capitalismo ocidental e, por outro, o crescimento de uma poderosa camada de espoliadores ("redes mafiosas") que pilham a economia existente de seus recursos públicos e desviam empréstimos ultramarinos para contas bancárias estrangeiras, sem desenvolver as forças produtivas. A resultante decadência das sociedades comunistas expressa-se em desemprego endêmico, crime e prostituição em larga escala, bem como no declínio da produção e do consumo. A isso corresponderam a expansão de governos autoritários e a imposição externa da política econômica. Nem a democracia liberal nem o desenvolvimento capitalista emergiram da derrubada do coletivismo. O colapso da URSS e a ascensão ao poder de governantes pró-Occidente tampouco resultaram no estabelecimento de Estados-nação viáveis. Divisões étnicas e guerras civis, autoritarismo nacionalista e religioso foram o traço mais proeminente do mundo pós-comunismo.

Contrariando o "cenário de fim da história", muitas sociedades pós-comunistas *regrediram* em termos sociais e culturais: voltaram doenças do século XIX, estão em vigor proibições ao aborto, o pauperismo generalizado tomou-se regra entre os aposentados; cientistas altamente especializados estão sem emprego ou trabalham por uma ninharia. O que se apresenta como o triunfo definitivo da liberal-democracia e do capitalismo sobre o comunismo é, de fato, a desintegração do Estado-nação em enclaves cada vez mais reduzidos de etnias beligerantes, a decadência da vida pública e a destruição dos sistemas produtivos. Os sinais de desencanto público massivo estão presentes por toda a parte nos países onde "o mercado" venceu. À medida que crescem as vítimas do livre mercado, o que efetivamente acabou foi a celebração "triumfalista" da restauração do mercado. Em vez de considerar a derrubada do comunismo como uma revolução burguesa que limpa o terreno para o avanço capitalista, seria empiricamente mais correto (ao menos na ex-URSS e na Europa oriental) encarar a ascensão de regimes pós-comunistas como um retrocesso histórico - talvez como um desvio temporário no caminho de uma forma nova e revitalizada de coletivismo democrático.

Críticas marxistas do comunismo

Se, no momento, fomos capazes de resistir às modas "pós-marxistas" do dia e identificar as categorias analíticas essenciais do marxismo, poderemos considerar como elas se saem ao enfrentar as tendências estruturais de larga escala e longo termo do capitalismo contemporâneo. O ponto básico é que o marxismo - e não a economia neoclássica ou a política liberal - tem grande relevância para nosso entendimento das transformações estruturais em curso. Além disso, a evolução, crise e desaparecimento do stalinismo foram mais brilhantemente analisadas e antecipadas por pensadores marxistas que empregavam categorias marxistas.

Foi Rosa Luxemburgo quem identificou as tendências autoritárias implícitas na estrutura do Partido Bolchevique. Leon Trotski, quem identificou o novo aparelho de Estado como estrato sócio-político distinto, que se apropriava do excedente da classe trabalhadora, minando as regras igualitárias e contradizendo as origens revolucionárias do regime. O historiador marxista Isaac Deutscher discutiu a possibilidade de uma evolução no sentido da restauração capitalista. O filósofo marxista Herbert Marcuse refutou criticamente a pretensão soviética de pertencer à tradição ideológica marxista.

O método dialético marxista, o emprego da análise de classe, a aplicação das noções de contradições de classe, conflitos de classe e de natureza de classe do Estado foram essenciais para a compreensão das crises do sistema stalinista e da restauração do capitalismo. Assim como o stalinismo não poderia explicar sua própria degeneração, o capitalismo liberal pós-comunista não é capaz de explicar as crises catastróficas que suas instituições e políticas engendram. Não se deve confundir a penetração conjuntural ou mesmo a hegemonia de uma ideologia com sua profundidade ou durabilidade.

A relevância do marxismo

Hoje, o marxismo é a mais útil perspectiva para entender as principais transformações estruturais que têm lugar na economia capitalista mundial. Não obstante, os teóricos marxistas devem acertar as contas com as vastas transformações nas estruturas de classe, tecnologias, relações Estado-sociedade civil, que tiveram lugar no último quarto de século. De outra forma, seu quadro conceitual tornar-se-á irrelevante para a análise do mundo contemporâneo e para a criação de uma alternativa convincente.

Os principais processos estruturais contemporâneos são melhor compreendidos dentro de um quadro marxista. Uma retomada de alguns processos, relacionados com alguns conceitos básicos, ilustrará a utilidade da teoria marxista.

1) *A concentração e centralização de capital no interior de países e em escala regional.* As fusões e compras que acompanham a expansão das empresas globais são uma indicação dessa "lei do capitalismo" presente na análise marxista.

2) *A intensificação e extensão da exploração que acompanham a expansão e competição capitalistas.* O declínio dos salários, a eliminação de benefícios relacionados à saúde, pensões, férias e outros, acompanhados pelo aumento do tempo de trabalho e crescimento da produtividade dos trabalhadores atestam a relevância da análise marxista.

3) *Desigualdades de classe e polarização social crescentes.* Na Europa, EUA, América Latina e Ásia, as políticas de "livre-mercado" romperam as redes de seguridade social e contribuíram para o aumento da concentração de renda e para um crescente subproletariado.

4) *Crescente competição intercapitalista.* As guerras comerciais e a formação de blocos rivais pelos maiores adversários capitalistas, bem como a reemergência de rivalidades inter-imperiais solaparam por completo as noções neoclássicas de relações de mercado complementares e harmoniosas.

5) *As tendências do capitalismo às crises e estagnação.* Com o declínio das economias de guerra, a ausência de grandes inovações capazes de estimular a recuperação e o crescimento, a dívida e os déficits fiscais montantes, a crescente produtividade, ao lado da redução da base de consumo, ganharam o primeiro plano as tendências inerentes às crises.

6) *O imperialismo é um traço dominante na definição de relações entre Estados capitalistas avançados e menos desenvolvidos.* A subordinação da Europa oriental e da ex-URSS ao capital da Europa ocidental e dos EUA, evidenciada na pilhagem de suas economias e na crescente penetração e subordinação do mercado chinês pelo Japão, Hong Kong e Taiwan, é testemunha do fato de que a expansão global - o imperialismo - é a força propulsora de nossa época. 7) *A Luta de classes como força motriz da história.* Os principais termos em praticamente qualquer discurso político são "competitividade" e "flexibilização da mão-de-obra", expressões que descrevem mudanças em grande escala na relação trabalho-capital. Nas duas últimas décadas, a classe capitalista e seus representantes estatais se engajaram em uma violenta guerra de classes, convertendo trabalhadores permanentes em temporários, alterando normas de trabalho e, o que é mais importante, assumindo o controle absoluto sobre as condições de trabalho. A tímida resposta da classe trabalhadora e dos sindicatos a essa luta de classe (sua natureza unilateral) não obscurece a essência do processo, a luta de uma classe (a dominante) para impor seu poder e suas prerrogativas sobre outra, estabelecendo unilateralmente os termos da produção e da reprodução.

8) *A natureza de classe do Estado.* A esmagadora ênfase da política estatal concentrou-se em facilitar o amplo processo econômico empreendido pela classe capitalista dominante. A "reestruturação" da classe trabalhadora foi promovida por políticas estatais enfraquecedoras dos sindicatos de trabalhadores. Os movimentos do capital foram subsidiados por políticas fiscais do Estado; a concentração de capital, pela "desregulamentação" estatal; efetivou-se a "transferência" de perdas privadas, por meio da intervenção do Estado, para o erário público. As profundas mudanças nos salários, baseadas no poder estatal de intervir em benefício do capital, reduziram a função de "legitimação" do Estado a uma atividade mínima. O Estado não é uma entidade autônoma que media as classes. Suas principais decisões podem ser melhor entendidas no quadro de seu caráter de classe.

Em suma, o sentido da mudança, a dinâmica das relações Estado-sociedade civil, o processo de expansão internacional, a estrutura do mercado e as formas organizacionais emergentes dos principais atores sócio-econômicos podem ser entendidos num quadro marxista. Na livre concorrência das idéias, os conceitos-chaves marxistas demonstraram sua validade em face da e contra os paradigmas neoclássicos liberais. Contudo, o poder explanatório global do marxismo não é suficiente para enfrentar o mundo contemporâneo, a menos que se reconheçam as vastas transformações ocorridas tanto dentro como fora de suas "categorias históricas".

PETRAS, James. Transformação capitalista: relevância e limites do marxismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.146-152.

Palavras-chave: Transformação capitalista; Crise do Marxismo; Pós-marxismo.